



CELINA BODENMÜLLER E FABIANA PRANDO

Contos encantados da América Latina

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

PROJETO DE LEITURA

Coordenação: Maria José Nóbrega

Elaboração: Clara de Cápua

Árvores e tempo de leitura

MARIA JOSÉ NÓBREGA

*O que é, o que é,
Uma árvore bem frondosa
Doze galhos, simplesmente
Cada galho, trinta frutas
Com vinte e quatro sementes?*¹

Enigmas e adivinhas convidam à decifração: “trouxeste a chave?”.

Encaremos o desafio: trata-se de uma árvore bem frondosa, que tem doze galhos, que têm trinta frutas, que têm vinte e quatro sementes: cada verso introduz uma nova informação que se encaixa na anterior.

Quantos galhos tem a árvore frondosa? Quantas frutas tem cada galho? Quantas sementes tem cada fruta? A resposta a cada uma dessas questões não revela o enigma. Se for familiarizado com charadas, o leitor sabe que nem sempre uma árvore é uma árvore, um galho é um galho, uma fruta é uma fruta, uma semente é uma semente... Traíçoeira, a árvore frondosa agita seus galhos, entorpecenos com o aroma das frutas, intriga-nos com as possibilidades ocultas nas sementes.

O que é, o que é?

Apegar-se apenas às palavras, às vezes, é deixar escapar o sentido que se insinua nas ramagens, mas que não está ali.

Que árvore é essa? Símbolo da vida, ao mesmo tempo que se alonga num percurso vertical rumo ao céu, mergulha suas raízes na terra. Cíclica, despe-se das folhas, abre-se em flores, que escondem frutos, que protegem sementes, que ocultam *coisas futuras*.

“Decifra-me ou te devoro.”

Qual a resposta? Vamos a ela: os anos, que se desdobram em meses, que se aceleram em dias, que escorrem em horas.

Alegórica árvore do tempo...

A adivinha que lemos, como todo e qualquer texto, inscreve-se, necessariamente, em um gênero socialmente construído e tem, portanto, uma relação com a exterioridade que determina as leituras possíveis. O espaço da interpretação é regulado tanto pela organização do próprio texto quanto pela memória interdiscursiva, que é social, histórica e cultural. Em lugar de pensar que a cada texto corresponde uma única leitura, é preferível pensar que há tensão entre uma leitura unívoca e outra dialógica.

Um texto sempre se relaciona com outros produzidos antes ou depois dele: não há como ler fora de uma perspectiva interdiscursiva.

Retornemos à sombra da frondosa árvore — a árvore do tempo — e contemplemos outras árvores:

Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. (...) E Deus deu ao homem este mandamento: “Podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás de morrer”.²

Ah, essas árvores e esses frutos, o desejo de conhecer, tão caro ao ser humano...

Há o tempo das escrituras e o tempo da memória, e a leitura está no meio, no intervalo, no diálogo. Prática enraizada na experiência humana com a linguagem, a leitura é uma arte a ser compartilhada.

A compreensão de um texto resulta do resgate de muitos outros discursos por meio da memória. É preciso que os acontecimentos ou os saberes saiam do limbo e interajam com as palavras. Mas a memória não funciona como o disco rígido de um computador em que se salvam arquivos; é um espaço movediço, cheio de conflitos e deslocamentos.

Empregar estratégias de leitura e descobrir quais são as mais adequadas para uma determinada situação constituem um processo que, inicialmente, se produz como atividade externa. Depois, no plano das rela-

ções interpessoais e, progressivamente, como resultado de uma série de experiências, se transforma em um processo interno.

Somente com uma rica convivência com objetos culturais — em ações socioculturalmente determinadas e abertas à multiplicidade dos modos de ler, presentes nas diversas situações comunicativas — é que a leitura se converte em uma experiência significativa para os alunos. Porque ser leitor é inscrever-se em uma comunidade de leitores que discute os textos lidos, troca impressões e apresenta sugestões para novas leituras.

Trilhar novas veredas é o desafio; transformar a escola numa comunidade de leitores é o horizonte que vislumbramos.

Depende de nós.

¹ In *Meu livro de folclore*, Ricardo Azevedo, Editora Ática.

² *A Bíblia de Jerusalém*, Gênesis, capítulo 2, versículos 9 e 10, 16 e 17.

DESCRIÇÃO DO PROJETO DE LEITURA

UM POUCO SOBRE O AUTOR

Procuramos contextualizar o autor e sua obra no panorama da literatura brasileira para jovens e adultos.

RESENHA

Apresentamos uma síntese da obra para que o professor, antecipando a temática, o enredo e seu desenvolvimento, possa avaliar a pertinência da adoção, levando em conta as possibilidades e necessidades de seus alunos.

COMENTÁRIOS SOBRE A OBRA

Apontamos alguns aspectos da obra, considerando as características do gênero a que

pertence, analisando a temática, a perspectiva com que é abordada, sua organização estrutural e certos recursos expressivos empregados pelo autor.

Com esses elementos, o professor irá identificar os conteúdos das diferentes áreas do conhecimento que poderão ser abordados, os temas que poderão ser discutidos e os recursos linguísticos que poderão ser explorados para ampliar a competência leitora e escritora dos alunos.

QUADRO-SÍNTESE

O quadro-síntese permite uma visualização rápida de alguns dados a respeito da obra e de seu tratamento didático: a indicação do gênero, das palavras-chave, das áreas e temas transversais envolvidos nas atividades propostas; sugestão de leitor presumido para a obra em questão.

Gênero: Palavras-chave: Áreas envolvidas: Temas transversais: Público-alvo:

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

a) antes da leitura

Os sentidos que atribuímos ao que se lê dependem, e muito, de nossas experiências anteriores em relação à temática explorada pelo texto, bem como de nossa familiaridade com a prática leitora. As atividades sugeridas neste item favorecem a ativação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão e interpretação do escrito.

- Explicitação dos conhecimentos prévios necessários à compreensão do texto.
- Antecipação de conteúdos tratados no texto a partir da observação de indicadores como título da obra ou dos capítulos, capa, ilustração, informações presentes na quarta capa, etc.
- Explicitação dos conteúdos da obra a partir dos indicadores observados.

b) durante a leitura

São apresentados alguns objetivos orientadores para a leitura, focalizando aspectos que auxiliem a construção dos sentidos do texto pelo leitor.

- Leitura global do texto.
- Caracterização da estrutura do texto.
- Identificação das articulações temporais e lógicas responsáveis pela coesão textual.
- Apreciação de recursos expressivos empregados pelo autor.

c) depois da leitura

São propostas atividades para permitir melhor compreensão e interpretação da obra, indicando, quando for o caso, a pesquisa de assuntos relacionados aos conteúdos das diversas áreas curriculares, bem como a reflexão a respeito de temas que permitam a inserção do aluno no debate de questões contemporâneas.

◆ *nas tramas do texto*

- Compreensão global do texto a partir de reprodução oral ou escrita do que foi lido ou de respostas a questões formuladas pelo professor em situação de leitura compartilhada.
- Apreciação dos recursos expressivos empregados na obra.
- Identificação e avaliação dos pontos de vista sustentados pelo autor.
- Discussão de diferentes pontos de vista e opiniões diante de questões polêmicas.
- Produção de outros textos verbais ou ainda de trabalhos que contemplem as diferentes linguagens artísticas: teatro, música, artes plásticas, etc.

◆ *nas telas do cinema*

- Indicação de filmes, disponíveis em VHS ou DVD, que tenham alguma articulação com a obra analisada, tanto em relação à temática como à estrutura composicional.

◆ *nas ondas do som*

- Indicação de obras musicais que tenham alguma relação com a temática ou estrutura da obra analisada.

◆ *nos enredos do real*

- Ampliação do trabalho para a pesquisa de informações complementares numa dimensão interdisciplinar.

DICAS DE LEITURA

Sugestões de outros livros relacionados de alguma maneira ao que está sendo lido, estimulando o desejo de enredar-se nas veredas literárias e ler mais:

- ▶ do mesmo autor;
- ▶ sobre o mesmo assunto e gênero;
- ▶ leitura de desafio.

Indicação de título que se imagina além do grau de autonomia do leitor virtual da obra analisada, com a finalidade de ampliar o horizonte de expectativas do aluno-leitor, encaminhando-o para a literatura adulta.

CELINA BODENMÜLLER E FABIANA PRANDO

Contos encantados da América Latina

Leitor fluente — 6º e 7º anos do Ensino Fundamental

UM POUCO SOBRE AS AUTORAS

Celina Bodenmüller é escritora e radialista. Antes de se tornar autora de livros infantis, trabalhou em uma biblioteca itinerante e, posteriormente, abriu uma loja de brinquedos, percurso que a levou a se tornar brinquedista certificada pela Associação Brasileira de Brinquedotecas. Como escritora, publicou diversos livros, entre eles *ABCDinos* e *Dinossauros – O cotidiano dos Dinos*, ambos em autoria partilhada com Luiz Eduardo Anelli. Em 2015, um de seus livros representou o Brasil na Feira Internacional de Bolonha. Atualmente, apresenta o programa de rádio “Era uma vez...”, juntamente com Fabiana Prando.

Fabiana Prando é escritora e contadora de histórias. Além de dividir o programa “Era uma vez...” com Celina Bodenmüller, Fabiana publicou com a

colega o livro *A flor de Lirolay e outros contos da América Latina*. Atualmente, desenvolve pesquisa de mestrado na Universidade de São Paulo, na área de Letras, e coordena o grupo de narradoras *Semeadoras de Histórias* no Ateliê Ocuili.

RESENHA

A pluralidade cultural da América Latina é o pano de fundo para esta antologia de Celina Bodenmüller e Fabiana Prando. Partindo de uma longa jornada de pesquisa, que mesclou estudos de mesa, viagens e conversas, as autoras apresentam uma coletânea de 18 contos que, com certeza, despertarão o interesse e o imaginário dos jovens leitores. Oriundos da tradição oral dos mais diversos países da América Latina, os contos

compartilham um lugar comum. Todos estão, de alguma maneira, conectados com as lendas e mitologias desta vasta terra – seja por meio de referências à cultura indígena nativa ou até mesmo pelas influências das culturas colonizadoras. Em meio a essa multiplicidade cultural, as histórias conduzem o leitor a uma longa viagem, que passará por países como Peru, Brasil, Guatemala, México, Equador, entre outros. Mas, como o próprio título sugere, não se tratam de contos quaisquer, mas sim de contos *encantados*.

Imbuídas de crenças nativas e herdadas, as histórias contêm um toque fantástico. Nelas, os animais são capazes de conversar com os homens, os rios são habitados por seres misteriosos, os feitiços são temidos e eficazes, os deuses são reais. Nessa paisagem viva e potente, somos convidados a conhecer personagens cativantes, como a boa lhama peruana que salvou sua aldeia de uma inundação e o jovem Alcavilo, que recebeu as mais fantásticas recompensas pela sua bondade e generosidade.

Outro dado curioso a respeito do livro que vale ser mencionado é a variedade de vozes narrativas. Nesses contos encantados, o clássico narrador onisciente e onipresente muitas vezes deixa o anonimato para se materializar na voz de animais ou de elementos da natureza, como uma aranha ou o Rio Amazonas. O resultado, claro, termina por acrescentar pontos de vista e enriquecer as narrativas.

Para potencializar a leitura, facilitando a sua apropriação, as autoras acrescentam, ainda, uma espécie de adendo a cada conto narrado. Por meio desses textos breves, elas oferecem informações precisas que complementam a narrativa, atribuindo-lhes uma perspectiva mais conectada com a atualidade. Dados geográficos sobre os vulcões chilenos ou mesmo informações históricas sobre a origem asteca do chocolate são alguns exemplos desses textos extras, que terminam por agraciar o leitor com uma série de conhecimentos transversais à obra.

Por fim, em sua infinita variedade, *Contos encantados da América Latina* revela-se como uma leitura muito oportuna ao jovem leitor brasileiro, que terá a chance de se identificar com as estranhas e ainda assim familiares histórias dos *hermanos* latinos. Uma leitura múltipla e potente, assim como a nossa querida e sofrida América Latina.

QUADRO-SÍNTESE

Gênero: Contos latino-americanos.

Palavras-chave: América Latina, cultura indígena, lendas, sobrenatural.

Áreas envolvidas: Língua Portuguesa, Artes, História, Geografia e Ciências.

Tema Transversal: Pluralidade cultural.

Público-alvo: Leitor fluente (6º e 7º anos do Ensino Fundamental).

PROPOSTAS DE ATIVIDADES

Antes da leitura

1. Peça a algum aluno que leia em voz alta a sinopse do livro, localizada na quarta capa. O texto de Claudio Fragata oferece algumas pistas sobre a obra, como a presença de um tom sobrenatural permeando a narrativa. Ao final, pergunte quais são as expectativas da turma para a leitura.
2. Para aproximar a turma do universo da obra, pergunte aos alunos se já tiveram a chance de conhecer algum país da América Latina. Se sim, qual? Em que contexto essa viagem foi realizada? O que mais chamou a atenção no país estrangeiro? Caso a turma ainda não conheça nenhum dos nossos vizinhos, pergunte-lhes qual país teriam mais vontade de conhecer e a razão.
3. Quais são os países que compõem a América Latina? A princípio, sem o auxílio de um mapa, desafie a turma a enumerar todos os países que compõem essa região. Escreva na lousa os nomes que forem surgindo, para que todos possam visualizá-los. Quando a turma finalizar a lista, permita que ela seja conferida com o apoio de um mapa. Será que algum país ficou de fora? Qual? Como uma segunda etapa da atividade, peça à turma que selecione uma palavra ou expressão que sintetize uma referência sobre cada país. A palavra também deverá ser escrita na lousa, ao lado do país em questão. Por exemplo: *Peru/Machu Picchu; Argentina/Tango*. Muito provavelmente, os alunos terão muitas referências para apresentar sobre países como México ou Argentina; porém poucas a respeito de nações como Nicarágua ou República Dominicana. Ao final da atividade, questione

os alunos: nós realmente conhecemos nossos vizinhos latinos?

4. Organize uma leitura compartilhada e em voz alta do texto “Como nasceu este livro?”. Escrito pelas autoras, o texto descreve o processo de pesquisa e escrita da obra, além de esboçar algumas pistas sobre as personagens que estão por vir. Os alunos poderão observar, também, que as histórias narradas têm sua origem na tradição oral. Como uma espécie de introdução, o texto com certeza vai estimular a curiosidade sobre a obra.

Durante a leitura

1. Todos os contos são acompanhados por uma espécie de adendo que ora oferece informações que ajudam a contextualizar a narrativa, ora levantam questões que potencializam a reflexão sobre as histórias. Peça aos alunos que prestem atenção ao conteúdo desses pequenos textos, buscando sempre identificar a maneira como as informações neles contidas contribuem para tornar a leitura mais rica e interessante.

2. Por se tratar de lendas remotas, oriundas de narrativas populares, as histórias apresentam um vocabulário singular que, com bastante frequência, poderá surpreender o jovem leitor. “Bacurau”, “butim”, “escanifrado” e “igarapé” são apenas alguns exemplos dessa variedade de termos apresentados no livro. Levando isso em consideração, oriente os alunos a anotarem as palavras que desconhecem para, em seguida, consultar seus significados no dicionário.

3. Chame a atenção dos alunos também para o fato de que muitos vocábulos são oriundos das diversas línguas indígenas da América Latina, bem como do castelhano colonizador. Que tal experimentar em voz alta a sonoridade dessas palavras? “Humuli”, “kukuwa”, “perro” e “piecito” são alguns exemplos.

4. Ao longo do livro, muitos lugares da América Latina são citados como cenário dos contos, tais como o Rio Oiapoque, o Rio Pilcomayo, a cidade de San Juan, entre muitos outros. Que tal anotar esses nomes e procurar a sua localização nos mapas? Essa atividade com certeza trará um gostinho mais “real” aos contos encantados!

Depois da leitura

1. Forme uma roda com os alunos e colha as primeiras impressões deles sobre a obra. O que mais chamou a atenção nos contos? Houve algum aspecto das tramas que causou estranhamento? Qual? Após esse breve bate-papo, peça que cada aluno compartilhe com a turma qual foi o conto de que mais gostou e por quê.

2. As autoras do livro se apresentam como “caçadoras de histórias”. Que tal emprestar esse termo como estímulo para uma atividade? Peça aos alunos que, individualmente, “cacem” algumas histórias populares da cultura brasileira. Para tanto, oriente-os a conversar com seus familiares e pesquisar na biblioteca do colégio ou na internet. O folclore brasileiro, por exemplo, é cheio de personagens e histórias intrigantes que podem estimulá-los. Outra opção de fonte de pesquisa são as obras de Câmara Cascudo. Uma vez realizada a pesquisa, peça a cada aluno que escolha uma história de sua preferência para recontar à turma.

3. Dando continuidade à atividade anterior, marque um dia para realizar uma espécie de sarau de histórias. Na ocasião, forme uma grande roda e permita que cada aluno recontе, com as suas próprias palavras, a história selecionada. Para tornar essa atividade mais interessante, proponha que tragam alguns elementos que possam complementar a narrativa oral, como músicas, instrumentos musicais e até mesmo algum objeto que dialogue com a história. Essa atividade, além de propor uma experiência individual da tradição de contar histórias, vai exercitar a criatividade, a desinibição e a oralidade de seus alunos.

4. O livro oferece uma aproximação muito interessante com diversos países da América Latina. Que tal realizar uma pesquisa mais aprofundada sobre algumas dessas nações? Divida a turma em grupos de aproximadamente quatro integrantes e peça a cada grupo que escolha um país latino que tenha interesse em conhecer. Para direcionar a pesquisa, levante subtemas como: geografia local, arte e cultura, história, idiomas, atrações turísticas etc. O resultado da pesquisa pode ser apresentado por meio de um painel ilustrado seguido de exposição oral.

5. Uma vez que as histórias do livro têm sua origem nas narrativas orais, podemos entender que a sua escrita pressupõe uma forma de retextualização. Desafie os alunos a experimentar uma nova retextualização, desta vez para uma história em quadrinhos. Em pequenos grupos, os alunos deverão escolher o conto de sua preferência para adaptar em versão HQ. Para tanto, chame atenção para as características do gênero, que utiliza imagens e balões de fala e pensamento. Durante a atividade, estimule-os a valorizar as diversas paisagens que permeiam as histórias, bem como o tom fantástico que conduz as narrativas. Por fim, permita que os grupos possam compartilhar suas criações entre si.

6. A presença dos animais é muito marcante no livro. Enquanto alguns são personagens das histórias, outros recebem uma especial atenção por meio dos textos informativos que os acompanham. Lhamas, condores e jiboias são apenas alguns exemplos da imensa variedade de bichos que integram o livro. Que tal conhecer um pouco mais sobre eles? Peça a cada aluno que escolha um dos animais citados nos contos e realize uma pequena pesquisa sobre ele. Como resultado, proponha que redijam um pequeno texto informativo, a exemplo dos adendos dos contos.

7. A cultura indígena é pano de fundo para diversos contos do livro, tais como “A história de

Mapuli e Tafeela” e “O menino perdido”. Quais são as principais referências dos alunos acerca da cultura indígena no Brasil? O livro levanta a questão da cestaria, mas também podemos citar a arte plumária bem como as pinturas corporais como formas de manifestações artísticas desses povos. Converse com a turma a respeito desse tema. Para tornar a atividade mais completa, sugira que os alunos façam uma pesquisa iconográfica, coletando e compartilhando com os colegas imagens que exemplifiquem a arte indígena.

DICAS DE LEITURA

► das mesmas autoras

- *A flor de Lirolay e outros contos da América Latina*. São Paulo: Panda Books.

► do mesmo gênero

- *Amizade eterna e outras vozes da África*, de Ilan Brenman. São Paulo: Moderna.
- *A lara e outros contos do folclore brasileiro*, de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna.
- *A Mãe de Ouro e outros contos do folclore brasileiro*, de Walcyr Carrasco. São Paulo: Moderna.
- *Pedro Malasartes em quadrinhos*, de Stela Barbieri e Fernando Vilela. São Paulo: Moderna.
- *Histórias da Terra e do Céu*, de Douglas Tufano. São Paulo: Moderna.